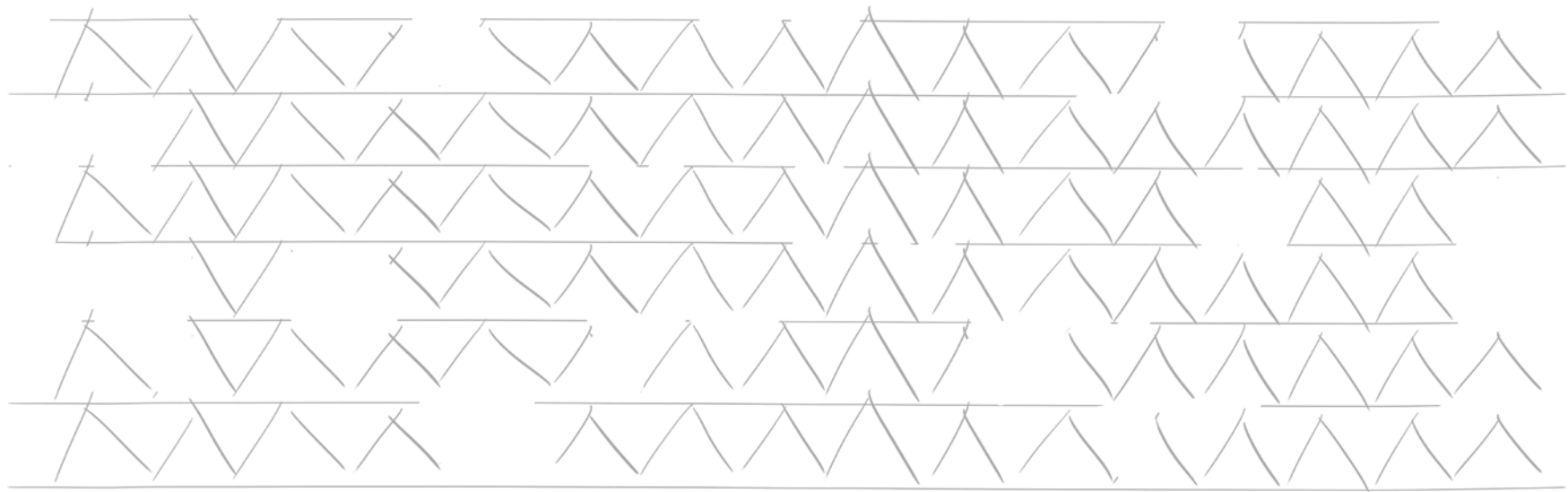
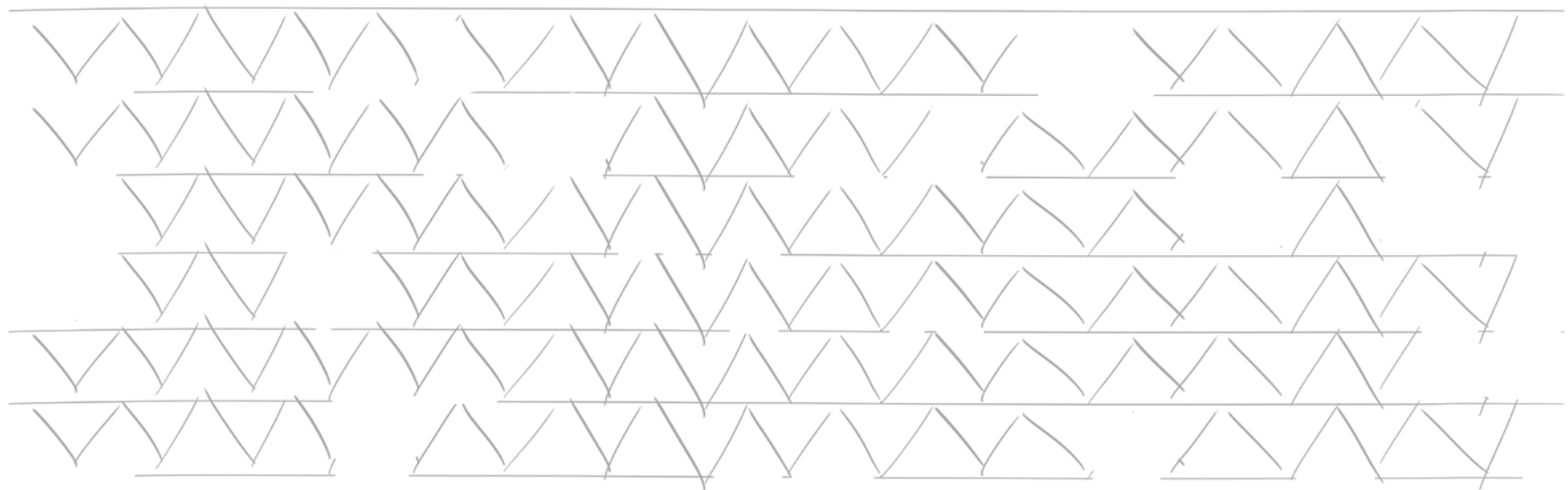


IKMI

NADIA TAQUARY



"A grande cabaça realiza o mistério do renascimento..."





09
DEZ
2021

ABERTURA

19 às 22 h

CURADORIA:

AYRSON | THAIS
HERÁCLITO | DARZÉ

PAULO
DARZÉ

GALERIA

* o uso de máscara é obrigatório.

Ìyàmì

Na cultura yorubá, o “Ajé” é uma força motriz feminina que move o início e o fim dos ciclos cósmicos. Neste contexto mítico encontramos uma série de divindades ancestrais femininas que são mães (Ìya) primordiais conhecidas como Ìyàmì (minha mãe) de onde advém do seu ventre as origens - a criação do mundo material e da existência dos seres.

Imersa neste complexo sistema de saberes, oriundo de Áfricas pré-coloniais que reverberam a partir da margem americana do atlântico negro, a artista Nadia Taquary propõe, como conceito central para a criação de sua poética, o “protagonismo do feminino preto” na construção e ordenação de mundos.

Em sua produção inaugural apresenta elaborações escultóricas que falam sobre as táticas de conquista da liberdade por africanas escravizadas. Dando foco ao adorno que carregam no ventre, que luta para ser livre - a penca do precioso balangandã em um corpo guardador do pecúlio.

Nessa mostra, intitulada Ìyàmì, são apresentadas obras que afirmam o poder mítico e ancestral do feminino responsável pela própria energia geradora da vida. A artista dá visibilidade a um repertório de apurados Ìtàn que revelam as divindades como o maior símbolo do poder feminino na cultura Nagô. Tal abordagem, além

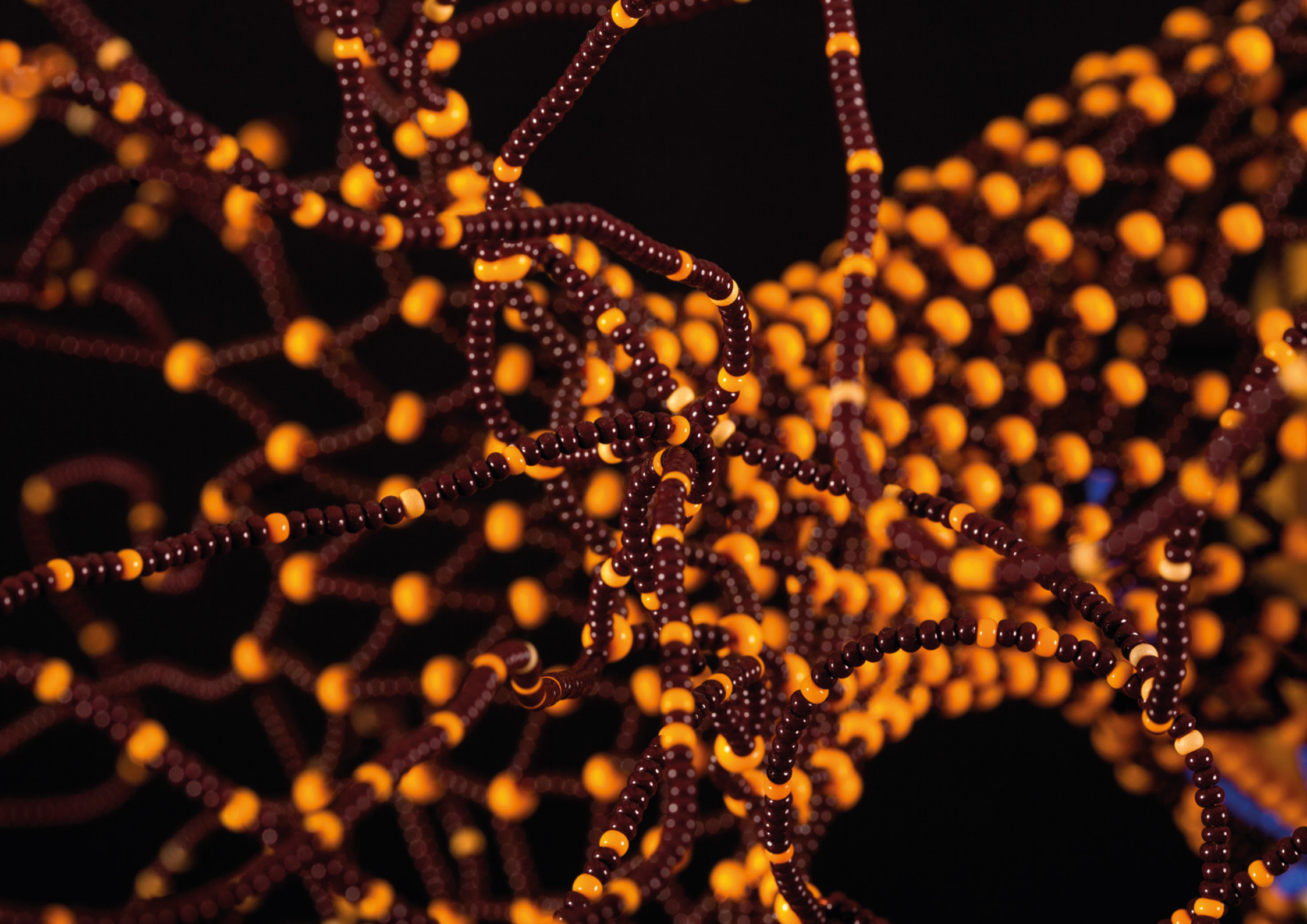
de estética, é sem dúvida política. Revelando, assim, o empenho afirmativo de um feminismo peculiar, no âmbito da arte contemporânea brasileira, feita por mulheres artistas racializadas - a própria marginalização das divindades femininas ancestrais, estigmatizadas por uma visão preconceituosa como seres perigosos e nocivos - revelam o quanto a nossa sociedade é patriarcal e machista.

A artista reconhece a urgência da ação contra as consequências das violências coloniais em relação às mulheres pretas, que se manifestam atualmente no grande número de crimes de ódio baseado no gênero. As Ìyàmìs nos convidam para adentrar no mundo das mulheres pássaros, das mulheres peixes, no útero que gera a vida, na cabaça da existência, na sociedade secreta de mulheres ancestrais, no fluxo vermelho do sangue da vida, na pena do ecodidé e, sobretudo, no universo das mulheres pretas regidas pelas Yabás na Roma Negra.

Ayrson Heráclito e Thais Darzé

EG05, DA SÉRIE "É O QUE VOCÊ NÃO VÊ", 2021
ESCULTURA EM MADEIRA IPÊ, BRONZE 70, MIÇANGAS DE VIDRO DA REPÚBLICA TCHECA E ÂMBAR NIGERIANO
180 x 40 x 60 CM







EG04, DA SÉRIE "É O QUE VOCÊ NÃO VÊ", 2021
ESCULTURA EM MADEIRA IPÊ, BRONZE 70, BÚZIO E LAGDBA
160 x 36 x 36 CM



EG02, DA SÉRIE "É O QUE VOCÊ NÃO VÊ", 2020
ESCULTURA EM MADEIRA IPÊ, BRONZE 70 E LAGDBAS
154 x 35,5 x 36 CM





EG03, DA SÉRIE "É O QUE VOCÊ NÃO VÊ", 2021
ESCULTURA EM MADEIRA IPÊ, BRONZE 70, TECIDO E BÚZIOS
180 x 70 x 50 CM





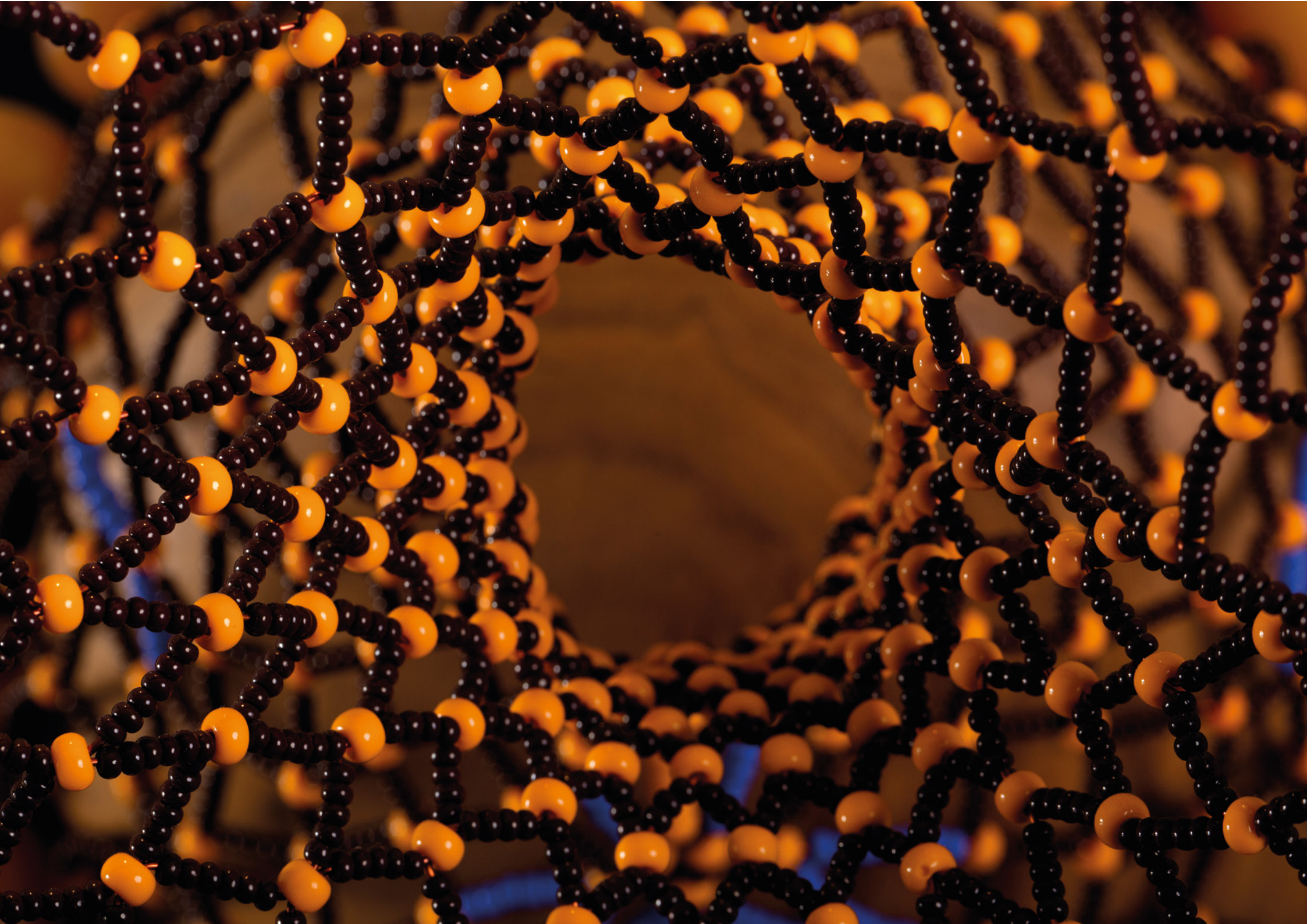
EG06, DA SÉRIE "É O QUE VOCÊ NÃO VÊ", 2021
ESCALURA EM MADEIRA IPÊ, BRONZE 70, LAGDBA E PENAS
180 x 35,5 x 35,5 CM





EG01, DA SÉRIE "É O QUE VOCÊ NÃO VÊ", 2020
ESCALURA EM MADEIRA IPÊ, BRONZE 70, PALHA E LAGDBA
167 x 45 x 45 CM



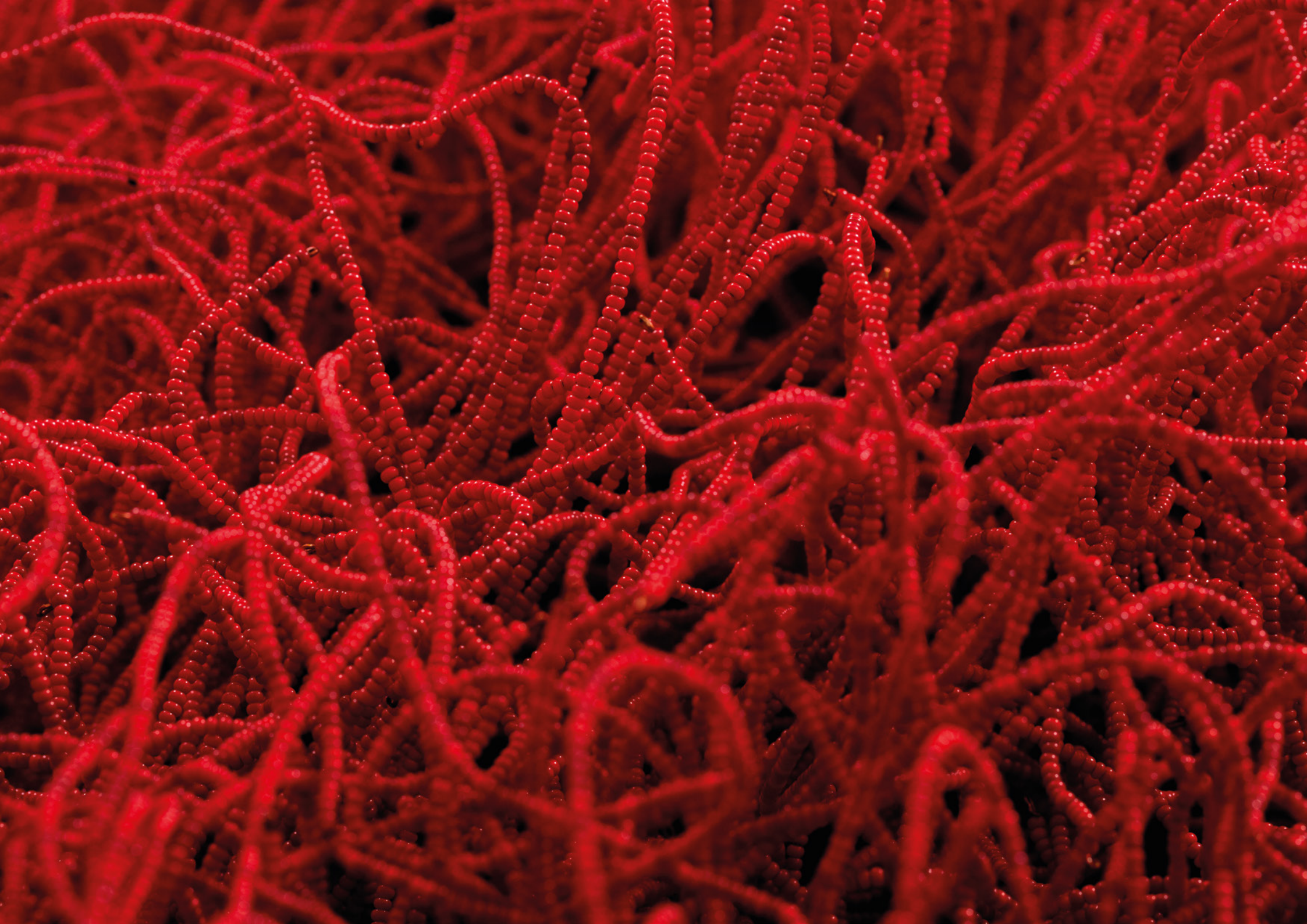


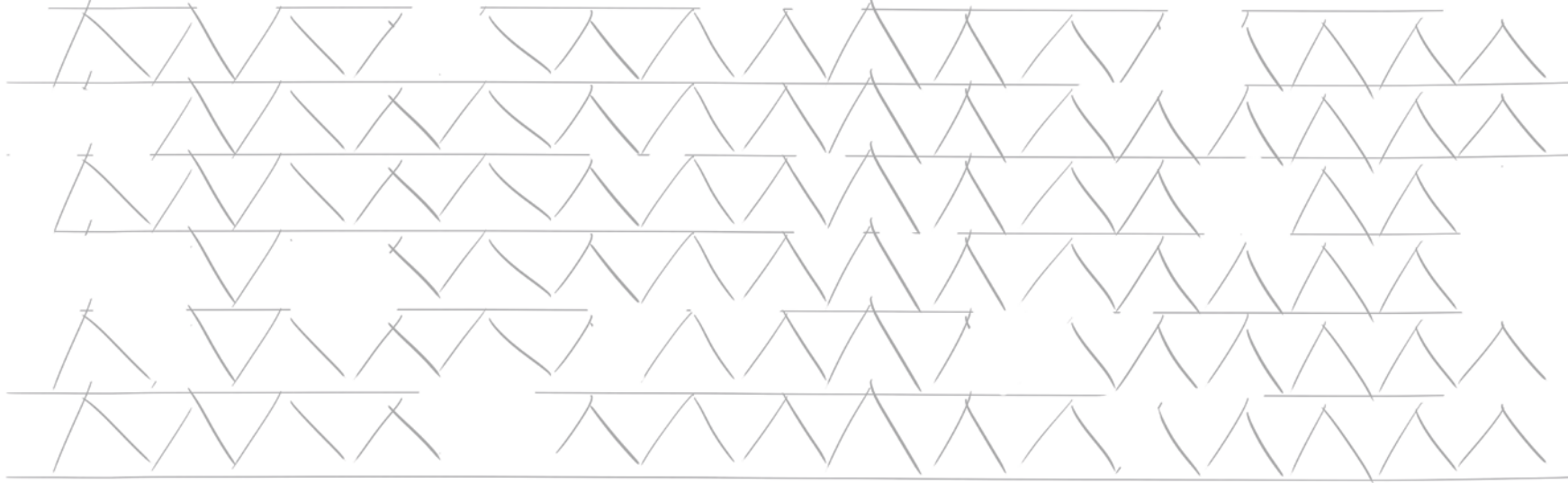


PÁGINA ANTERIOR
SOBRE "ADORNOS"
ESCULTURA EM BRONZE 70 E MIÇANGAS
60 x 78 x 52,5 CM (CADA)

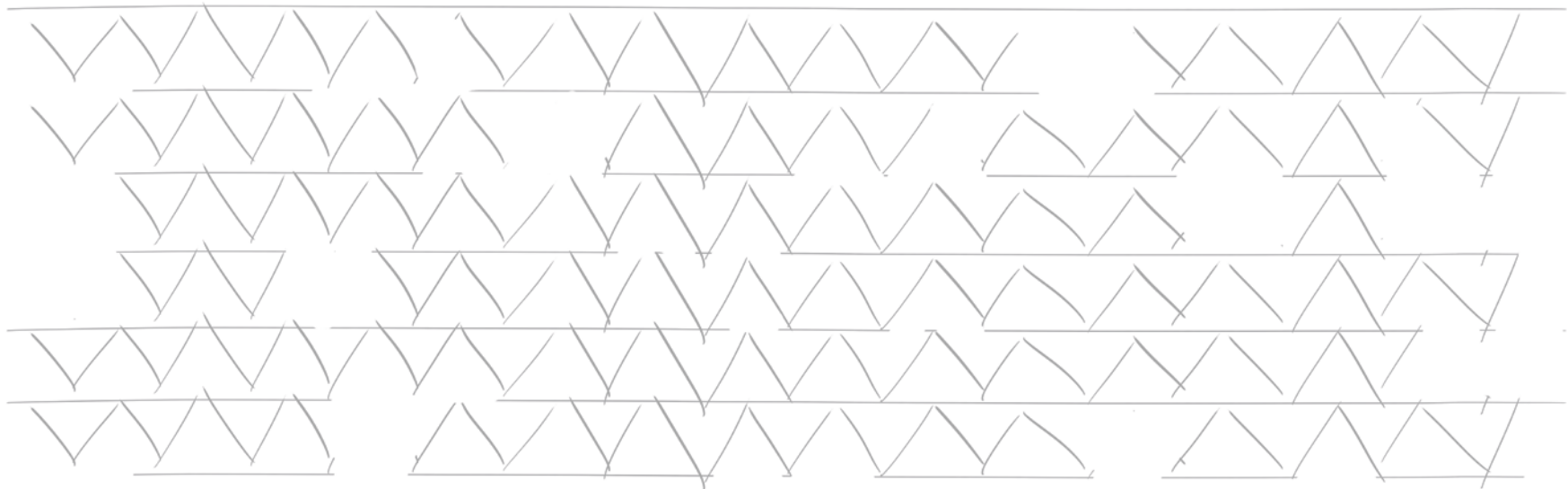
INSONDÁVEL MISTÉRIO, 2021
MIÇANGAS DE VIDRO IMPORTADA DA REPÚBLICA TCHECA, LONA, COBRE
EDIÇÃO: 1/3
457 x 150 x 16 CM







“extraordinária capacidade de procriar e gerar alimentos, através de sua própria substância transfiguradora ”





TRANSMUTAÇÃO, 2021
AQUARELA SOBRE PAPEL DE ALGODÃO
76 x 57 CM

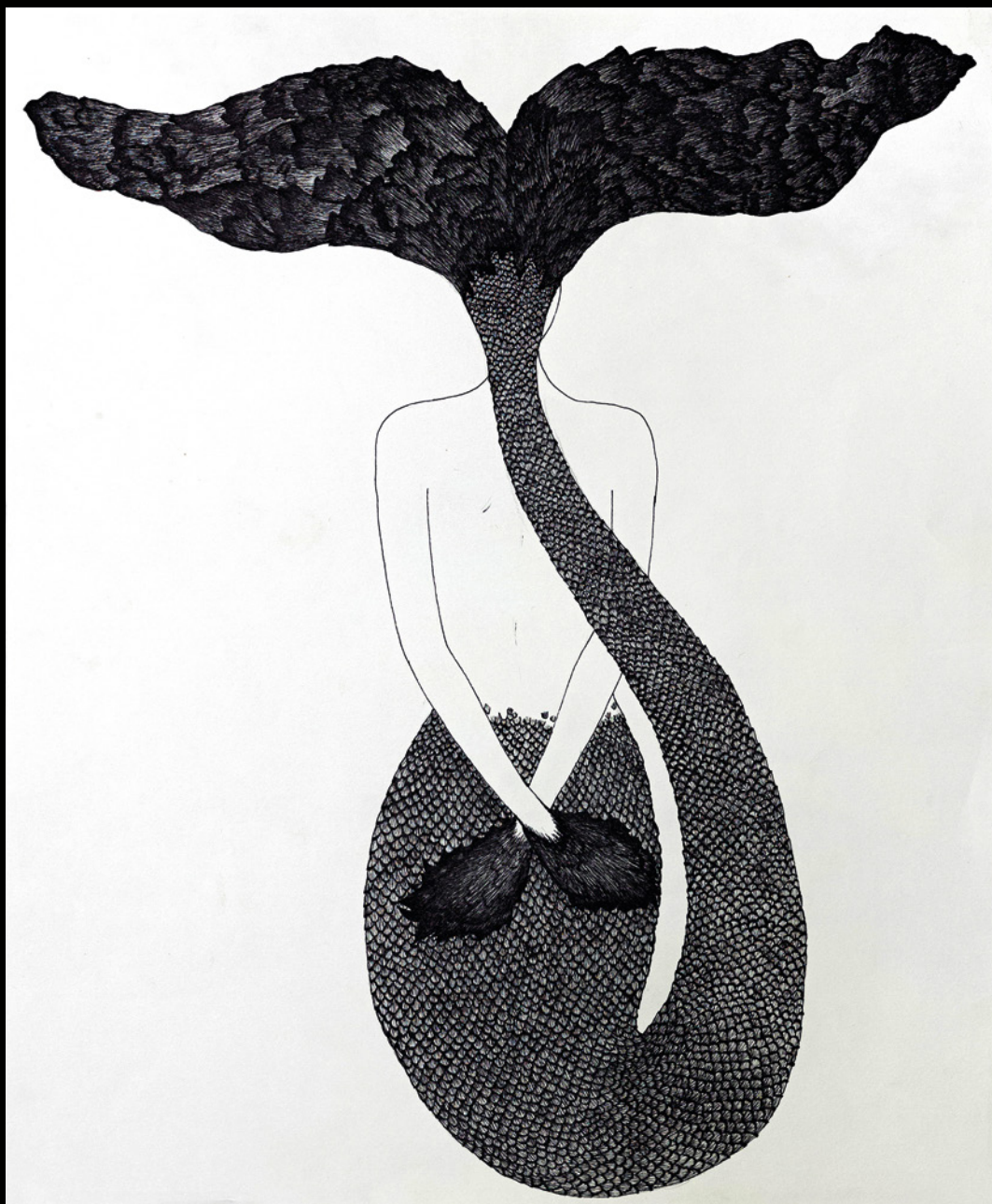


IGBAIWA, 2021
AQUARELA SOBRE PAPEL DE ALGODÃO
76 x 57 CM



"Mitos?", 2021
AQUARELA SOBRE PAPEL DE ALGODÃO
76 x 57 cm





ESTUDO PARA ESCULTURA MULHER PEIXE, 2021
DESENHO EM NANOQUIM SOBRE PAPEL DE ALGODÃO
43 x 35 CM (CADA) - 43 x 70 CM (TOTAL)

MULHER PEIXE 2021
ESCULTURA EM BRONZE 90
147 x 122 x 70 CM







MULHER PÁSSARO 2021
ESCULTURA EM BRONZE 90
190 x 55 x 70 CM





AG01, DA SÉRIE "ÁGUAS", 2021
ESCULTURA EM MIÇANGAS DE VIDRO DA REPÚBLICA TCHECA, COBRE, BÚZIOS E PRATA BANHADA EM OURO.
163 x 29 x 12 CM



AG02, DA SÉRIE "ÁGUAS", 2021
ESCULTURA EM MIÇANGAS DE VIDRO DA REPÚBLICA TCHECA, COBRE, BÚZIOS E PRATA BANHADA EM OURO.
163 x 30 x 13



AG03, DA SÉRIE "ÁGUAS", 2021
ESCULTURA EM MIÇANGAS DE VIDRO DA REPÚBLICA TCHECA, COBRE, BÚZIOS E PRATA BANHADA EM OURO.
163 x 33 x 15 CM



NÁDIA TAQUARY

Nádia Taquary é baiana. Vive e trabalha em Salvador. Cresceu em Valença, litoral baiano. Licenciada em Literatura pela UCSal (Universidade Católica de Salvador/Bahia), pós-graduada em Estética, Semiologia e Cultura pela EBA-UFBA (Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia).

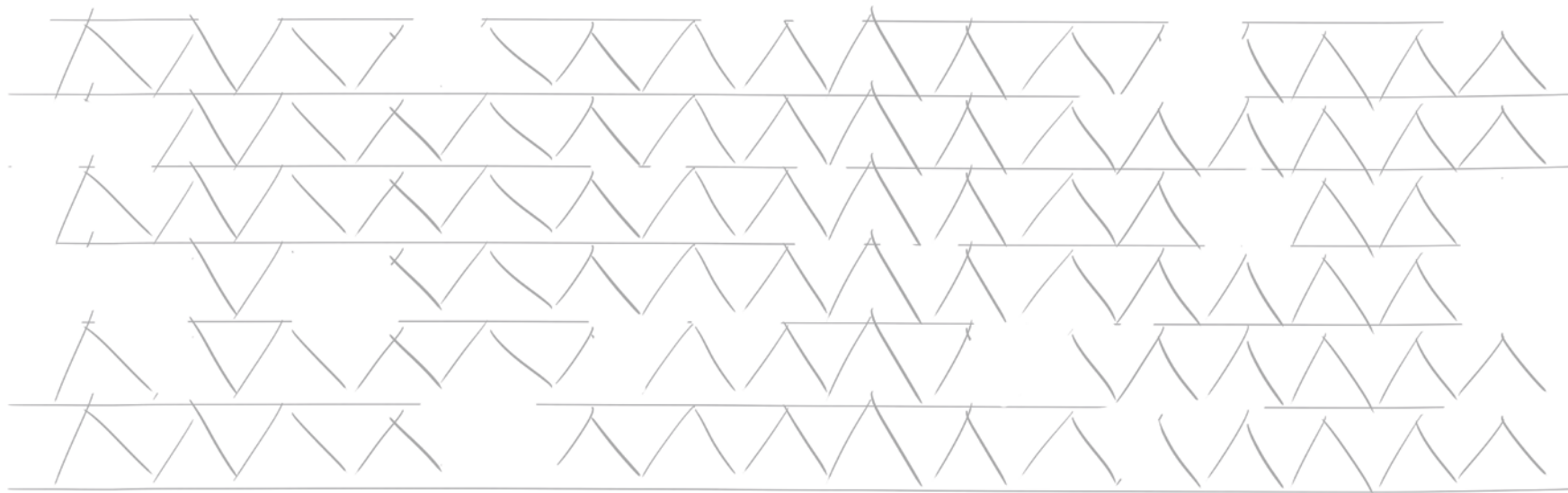
A sua obra abrange esculturas, objetos-esculturas, instalações e videoinstalações que revelam uma investigação artística de uma poética relativa à história do Brasil, através de um olhar contemporâneo sobre a tradição, a herança africana, a ancestralidade diante da opressão e da esperança de liberdade.

Entre os materiais utiliza na sua criação uma mistura de madeira de demolição ou de origem certificada, ouro, prata, contas, figas, pastilhas de coco, búzios, palhas e miçangas presentes em várias delas, entre outros materiais, acarretando nesta investigação um conhecimento da história do negro no Brasil.

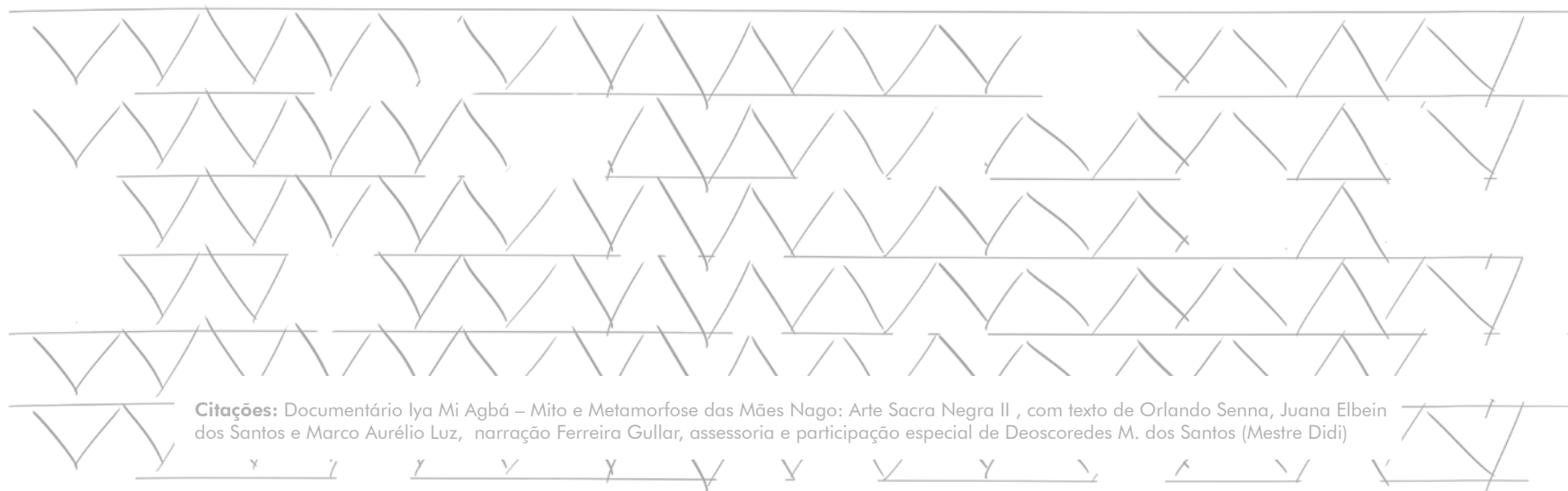
É a partir do encontro com esta história baiana, deste conhecimento ancestral, que a artista iniciou seu percurso com a projeção de um olhar sobre as joias de crioulas e os adornos corporais africanos, e que por meio de uma poética e uma estética compõem sua criação e seu próprio imaginário acerca da arte, da religiosidade e da cidadania negra.

Nas suas exposições devem ser ressaltadas: Vértice, Museu de Arte Moderna de Bahia (2019, Salvador, Bahia); Histórias afro atlântico, MASP (2018, São Paulo, Brasil); Mulheres no MAR, Museu de Arte do Rio de Janeiro/MAR (2018, Rio de Janeiro, Brasil); Axé Bahia: O poder da arte em uma metrópole afro-brasileira, Museu Fowler (2017, Los Angeles, EEUU.); Tempo e Linguagens, Paulo Darzé Galeria (2015, Salvador, Bahia, Brasil); III Bienal de Arte. Em 2011 realizou sua primeira exposição individual A Bahia Tem..., no Museu Carlos Costa Pinto (Salvador-Bahia).

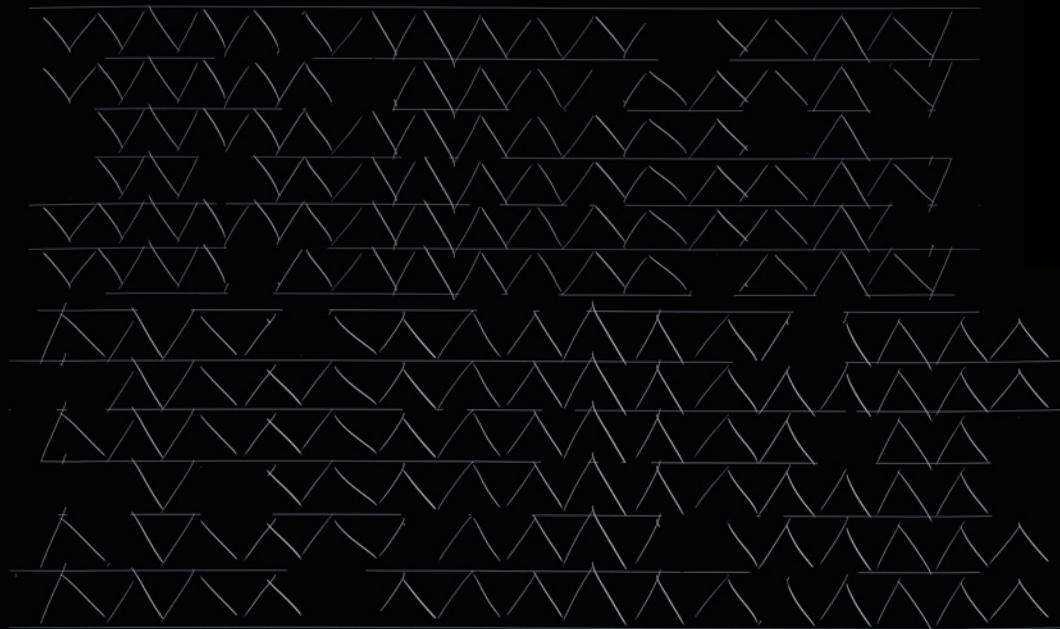




“e resistem...
para que o mundo não se acabe.”

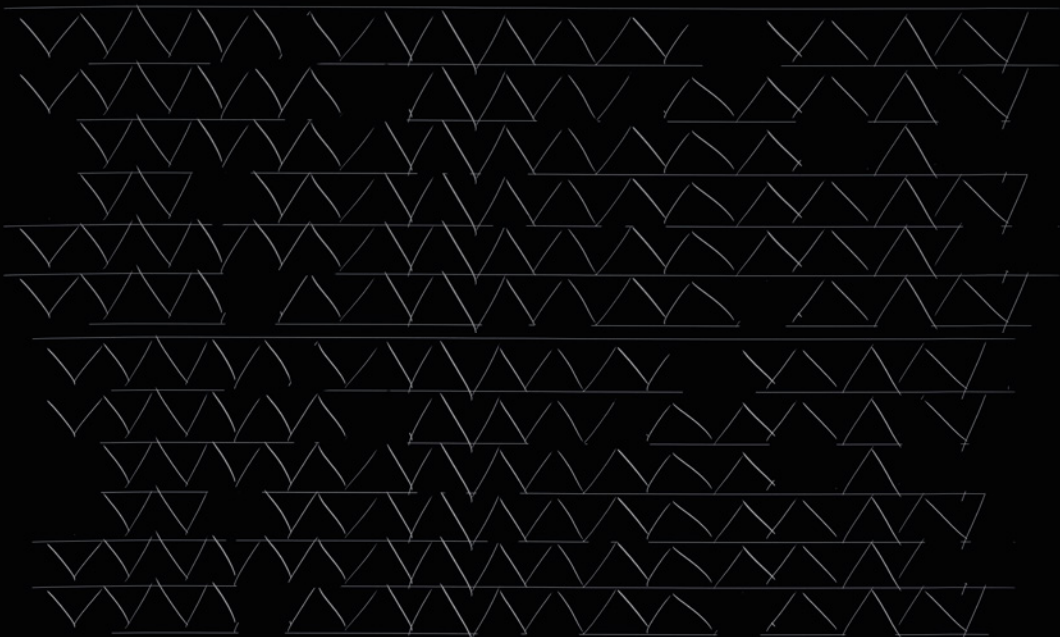


Citações: Documentário Iya Mi Agbá – Mito e Metamorfose das Mães Nago: Arte Sacra Negra II , com texto de Orlando Senna, Juana Elbein dos Santos e Marco Aurélio Luz, narração Ferreira Gullar, assessoria e participação especial de Deoscoredes M. dos Santos (Mestre Didi)



ÍKAMÍ

NADIA TAQUARY



Organização
Paulo Darzé
Thais Darzé

Curadoria
Ayrson Heráclito
Thais Darzé

Produção Executiva
Cica Lima
Bruna Sanjuan

Projeto Gráfico
Júliana Rabinovitz

Fotografias
Marcio Lima
Uiler Costa

Tratamento de imagens
Andrew Kemp

Revisão de texto
Claudius Portugal



Rua Dr Chrysippo Aguiar, 8, Corredor da Vitória
Salvador . Bahia . Brasil / 40081-310
www.paulodarzegaleria.com.br